



A sr.ª D. Adelaide da Conceição Fernandes d'Oliveira, inteligente professora do liceu feminino do Porto e aluna da faculdade de ciencias da Universidade. — («Cilichê» Alvão).

Ilustração Portuguesa

Assinatura para Portugal,
colônias portuguesas
e Hespanha:

Trimestre 1\$20 ctv.
Semestre 2\$40 ..
Ano 4\$80 ..

Numero avulso, 10 centavos

Edição semanal do jornal
O SECULO

Redacção, administração e offi-
cinas: Rua do Seculo, 43

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

REMINGTON UMC
Cartuchos Calibre 22 Para Tiro Ao Alvo E Caça Meuda



Este alvo mostra 10 tiros feitos da distancia de 100 jardas. Feitos por J. Pepé do London Daily Telegraph. Autoridades Europeas admittem que este grupo de tiros foram os mais centralmente postos que elles conhecem. O Sr. Pepé já atirou 9000 tiros com o rifle com que elle fez esta marca—esta é uma recommendação eloquente que as munições REMINGTON-UMC não destroem nem sujam a cano.

Acham-se á venda nas principais casas d'este genero.



REMINGTON ARMS-UNION METALLIC CARTIDGE COMPANY
 299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:
 No Sul do Brazil
LEE & VILLELA
 Caixa Postal 420, São Paulo
 Caixa Postal 183, Rio de Janeiro
 No Territorio do Amazonas
OTTO KUHLEN
 Caixa Postal 20 A., Manaus

Gizella
 O MELHOR SABONETE

TELEPH. Nº 2638
PERFUMARIA ROSA D'OURO
 COLOSAL SORTIMENTO
 Rua do Ouro, 261 JOAQUIM N. ALVES LISBOA

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME **Brouillard**



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; e incomparavel em vaticinios. Peio estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e histoiog a, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambruse, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimen-

tos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, ingles, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manha as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre loja)—Lisboa. consultas a 18000 reis, 28500 e 58000 reis

Agente de vendas: G. Helton Ferreira, L. do Camões, 3 Lisboa.

DORES DE COSTAS
PILULAS FOSTER PARA OS RINS

Sem rival para combater: dores de costas e de pernas; lassidão dos membros; doenças e fraqueza dos rins e da bexiga e das vias urinarias; calculos; nevralgias; rheumatismo; envenenamento do sangue pelo acido urico; hydropisia; etc.



As Pilulas Foster para os Rins encontram — se á venda em todas as pharmacias e drogarias, a 800 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: **JAMES CASSELS & Co, Succes.**,
 Rua Mousinho da Silveira, Nº 85, Porto.



SELLOS DE CORREIO
 CATALOGO GRATIS E FRANCO
 Remittem-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
 44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

PLANTAS AS NOSSAS ARVORES
MOREIRA DA SILVA & Co
 HORTICULTORES
 5-R. DO TRIUNFO
 PORTO
 CATALOGOS GRATIS

PLANTAS AS NOSSAS ARVORES
MOREIRA DA SILVA & Co
 HORTICULTORES
 5-R. DO TRIUNFO
 PORTO
 CATALOGOS GRATIS

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO *Socied. anonima respons. limitada*

Acções	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisação	366.400\$000
Reis	350.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marañana e Sobreirinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermo (Lousã), Vale Maior (Aberjaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispoito dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:
 LISBOA—270, Rua da Princeza, 276
 PORTO—49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado**. Numero telefonico: Lisboa, 605—Porto, 117.

REMEDIO FRANCÉS

XAROPE FAMEL
CURA
 INFALLIVELMENTE
BRONCHITES
 Mesmo Chronicas
TOSSES
ASTHMA
FRASCO 1 ESCUDO

Em todas as pharmacias ou no C^oposito geral **J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, Lisboa.** Franco de porte compranda 2 frascos.

especialistas dos Paizes quent^{es}.

FERRO QUEVENNE
 CURA:
ANEMIA
FEBRES, DEBILIDADE
Activo, agradável, economico, inalteravel.
 Luiziz e Sello da "Union des Fabricants"

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
 TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Joana d'Arc

Um telegrama recente anuncia-nos que se entabularam negociações com o Vaticano para o prosseguimento do processo de canonisação de Joana d'Arc. Afirma-nos o mesmo telegrama que essas negociações foram prejudicadas, desde o seu inicio, pela formal opposição de Benedito XV. Que razões invocou o Papa como justificação da sua attitude? Razões canónicas? Não. Razões politicas. Benedito XV entende que a beatificação equipolente de uma franceza significaria, n'este momento,

um ato politico incompativel com a escrupulosa neutralidade da Santa Sé. Não, se compreende, com efeito, o interesse que a França separatista possa ter em fabricar uma santa, precisamente na hora em que todos os paizes do mundo só pensam em fabricar munições. Mas não é menos singular o escrupulo que levou o antigo cardeal

De la Chiesa, perante a sollicitação do clero francez, a considerar uma canonisação como um positivo ato de beligerancia. Não me consta que, no direito internacional constituido, os santos sejam tratados como contrabando de guerra. De resto, o proprio significado historico da figura de Joana d'Arc exclue qualquer intenção de hostilidade para os imperios centraes coalisados. A «Pucelle», com a sua auriflama e o seu cavallo branco, representa é certo, uma victoria imortal da França; mas significa tambem — e isso é que não ocorreu a Benedito XV — uma derrota formidavel da Inglaterra. A não ser que as razões do Papa sejam outras, e que De la Chiesa recorde, a respeito de Joana d'Arc, a frase de d'Alembert acerca de S. Francisco de Paula: — «Desacreditaram este excelente homem, canonisando-o».



Propriedade literaria

O dr. Augusto de Castro acaba de chamar uma vez mais a nossa attenção para a propriedade intellectual, em dois artigos duplamente notaveis pelo espirito juridico e pela elegancia literaria. E' evidentemente preciso, desde que adherimos á convenção de Berlim, pôr a nossa legislação interna d'acordo com os principios de direito internacional que expontaneamente aceitámos. Impõe-se, antes de tudo, a revogação imediata do artigo 603 do Codigo Civil, pelo que só é reconhecido o direito de propriedade literaria ao autor que se tenha sujeito ao preenchimento de determinadas obrigações em determinado tempo. E' o caso dos registos. Se um autor publicar uma obra e, por esquecimento ou por lapso, a não tiver registado ou feito registrar pelo editor antes de publicada, a lei portugueza, tal como se encontra estatuida, não lhe reconhece o direito á propriedade d'essa obra; e, não lhe reconhecendo a lei esse direito, o autor portuguez não o pode fazer valer contra as usurpações, as contrafacções ou as reproduções fraudulentas. A condicionalidade assim atribuida pelo Codigo Civil ao direito de propriedade da obra intellectual — a mais nobre de todas as propriedades — constitue de certo modo uma atenuação d'esse direito e, manifestamente, hoje, um anacronismo juridico. Já assim o entendeu Herculano, votando na comissão revisora do Codigo, contra todos os articulados de Seabra concernentes á propriedade literaria. Já assim o proclamou, em Berne e em Berlim, o consenso de opiniões que teve como consequencia o estabelecimento do principio da internacionalisação do direito de propriedade intelectual.



Reveillon

O que festejavamos nós, minha pobre amiga, quando ante-hontem, diante de duas taças de Pommery doirado, ouvimos bater a primeira badalada da meia noite? O velho ano que expirava ou o novo ano que nascia?

Uma decrepitude ou uma infancia? A ciziza d'um desengano ou o amanhecer d'uma illusão? Nem uma coisa, nem outra. A espuma branca do nosso Champagne festejava apenas um ano mais da nossa existencia. Um ano mais no caminho da vida, — um ano mais no caminho da morte. A expressão do preconceito aritmetico que nos leva a todos nós, obstinadamente, a contar o tempo que vivemos. E para quê, minha amiga? Não seriamos mil vezes mais felizes, envelhecendo sem o saber? Não são mais felizes os animaes, como disse Méchnicoff, — «na suprema ignorancia aritmetica da vida?» Não será uma crueldade inutil, esta de marcar implacavelmente, pela fatalidade dos numeros, a distancia cada vez menor que nos separa da morte?



Villancetes

Tenho aqui, sobre a minha mesa de trabalho, espreitando-me da sua grinalda d'ouro Luiz XVI, o ultimo livro de José Coelho da Cunha: «Villancetes». Essa fórma poetica infinitamente simples, caracterisadamente popular, que os quinhentistas trataram com a delicadeza d'uma filigrana e em cujo comentario musical se immortalou, no principio do seculo XIX, o mestre de capela de Leão X, — encontrou agora no poeta encantador da «Terra do Sol» um dos seus mais subitbs e originaes cultores. José Coelho da Cunha, admiravel poeta de pequeninas coisas, que já nos seus primeiros livros atingira a expressão perfeita da simplicidade, trata o Villancete com uma graça, uma leveza, um sentimento, um instinto melodico, que lhe marcam um logar entre os mais felizes renovadores da delicada fórma poetica quinhentista.



JULIO DANTAS

(Ilustrações de Manuel Gustavo).

O sr. Gaudencio

AO entrar na igreja, depois na sacristia, das altas abobadas em arco caía uma dôce cinza de penumbra. Na igreja encontrara, de joelhos e sentadas, meia duzia, talvez uma duzia de devotas. Na sacristia, além dos santos, dos bustos dos santos em escultura, não havia ninguém. E' verdade que



os nobres varões do Senhor chegavam para encher todo aquele espaço.

Muito quietos, sobre as misulas d'onde assistem ao desdobrar dos tempos, ao suceder das gerações, ao baquear de orgulhos e de forças, era olhar para eles e assistir á reconfortavel reunião de um inspirado sinôdo.

Um, a um canto, de baculo reluzente e a mitra de bispo — creio que S. Martinho — erguia os olhos ao tétó e afirmava, bem perceptivelmente, a Bemavenrurança dos que repousam na graça e á mão dirita de Deus Padre.

Outro, sorvado, com a marca dos jejuns e das penitencias nos ossos quasi sem pele, meditava um livro aberto—e ouvia-se-lhe o murmurar, muito brando, dos labios que aspiravam mais certeza e resignação. Santa Tereza estava logicamente em extase. Sentia-se-lhe, porém, o arfar do peito, em que os silícios amordaçaram a voz da carne, em que o seu sangue amoroso ardia no amor do Esposo. E era ainda Santo Antonio, a falar ao Menino. S. João, a catequisar os idolatras. . .

N'isto, ouço um ruído por traz de mim. Algum santo que descera da misula, e mui santamente vinha pedir o meu tributo de cristão, o dobrar do meu joelho, o crepitar da minha fé. . .

Ah, não. Era o sr. Gaudencio. Não conhecem o sr. Gaudencio? Conheço-o eu. Conheçemo-nos ha uns cinco anos. E' o sacristão d'aquella igreja, e o mais intimo servidor d'aqueles varões. Eu. . . um quasi seu amigo, por motivos que não veem ao caso.

O sr. Gaudencio! Não ia procura-lo. No entanto, com franqueza, gostei de o vêr. Não o via desde a *Separação*. Cumprimentei-o. Ele, claro, cumprimentou-me tambem. Mais magro, mais envelhecido. Apesar d'isso risinho, como outr'ora, a mesma calva macilenta, de certo pela convivencia com a cêra dos sacrificios, e a mesma face escanhoadá, com um *tic* nervoso a encrespar-lhe a comissura da boca—uma boca larga, sensual, desdentada, não o nego, mas com um vigoroso acento de convicção no negar e no afirmar.

Os olhos do sr. Gaudencio, sob a sarça espessa da sobrancelha, pequeninos e vivos, que tanto podem ser d'um fauno pagão, como de um místico inquieto, é que espreítam sempre de lado, a ensinuar-se e a esconderem-se.

O sr. Gaudencio gostou imenso de me vêr.

—Imenso. pôde crer v. ex.^a—ele diz *Vos-selencia*, que é o costume, julgo que entre os da sua classe.

A batina descia-lhe até aos pés, negra, severa, um tanto desfiada nos cotovêlos, bastante lustrosa nas mangas. em todo o caso com um tom de aceio irrepreensível. Por cima da batina, que a hora da missa vinha proxima, alvejava o roquete do ritual—dando-lhe á cabeça grisalha um ar de estame a emergir d'entre a corola branca d'um lirio.

Ora o sr. Gaudencio, um santo homem—nem admira. . . sempre na familiaridade dos santos!—é ao mesmo tempo curioso como. . . como quem usa saias, evidentemente. Porque, acreditem-me, a sua batina é tal qual uma saia, das de agora, verdadeiro: sinos com dois badalos para melhor prantearem os mor-

tos, para bem se ouvirem n'este enorme fragor de guerra.

Mas vamos ao sr. Gaudencio. Curioso, arrepanhou o tecido rubro da face n'um discreto sorriso, terno e perfurante—e que, apesar da discreta ternura, lhe torceu o nariz, um soberbo, um polpudo nariz, tambem rubro, sobre o lado para que lhe torcera a boca. Arrastou a voz com coleios de cobra, com palpitacoes de espuma, a envolver, a acariciar—perguntando se eu, que tao pouco aparecia, desejava falar ao sr. Prior...

—Sim, venho falar ao sr. Prior.

—Ainda não está. Quem está é o sr. Coadjutor... que vae celebrar d'aquí a nada. Agora se *Vosselencia* quer... se é assunto em que possa entender-se com o sr. Coadjutor... — A um gesto meu, que o sr. Gaudencio, muito esperto, apanhou no ar, retorquiu, emendou: — Bem sei... E' assunto para o sr. Prior... Logo se me «configurou»... — E n'outro tom, oferecendo-me uma cadeira, que poz ao lado do lavatorio, que aceitei e agradeçi:

—Uma cadeirinha... sentado não se paga nada... e descança-se. Que o sr. Prior não se demora, se Deus quizer...

A mão esquerda fechada sobre o peito, a direita a afaga-la, como quem afaga, ao colo, o botão de rosa de uma cabeça recém-nascida, aproximou-se de mim, confiado, a sorrir, a revelar as gengivas vivas dos seus dentes.

la procurar o sr. Prior! — acentuou, baixinho. Fazia muito bem. Não sabia para quê... nem isso lhe dava cuidado. Mas o sr. Prior era o melhor dos homens. Dos homens?! Crédo! Não era o Gaudencio Esteves, pae do Manuel Esteves, empregado nos tribunaes da *militança*, a ganhar mil e quinhentos réis por dia...

—Perdão—contrapôz, numa reverencia, as mãos ao alto, em *Dominus vobiscum*.

—Eu disse mil e quinhentos. Enganei-me. Sei a lei em que vivo. Respeito o existente... *Vosselencia* não o ignora... e assim Deus me salve. Queria dizer um escudo e... — olhou para cima, agora a direito, para Santa Tereza, como que a pedir-lhe que o iluminasse.

Santa Tereza não aderiu—pelo menos não consumou a sua adesão perante os jornaes de grande tiragem. D'aí, o podermos concluir que, embora conheça a moeda cunhada na impiedade, guarda sobre ela a mais austera reserva. E d'aí tambem a minha obrigação de iluminar, pela santa, a memoria do sr. Gaudencio.

—... e... e cincoenta centavos—elucidei, a medo, num refluir vago de incerteza.

—Isso mesmo! E é sempre assim que o Gaudencio se exprime... Mas que quer *vosselencia*? A *ideia* tambem se gasta... E olhe que já cá tenho quasi tantos, como o meu paesinho, que se finou cheio de dias e de boas açoes... Ora... ia eu dizendo... —

Fez nova pausa. Novamente consultou Santa Tereza. E foi a santa, julgo eu, quem d'esta vez o esclareceu. Porque encontrou logo o que procurava; e a mão direita a afagar, sobre o peito, as costas e a pelagem da mão esquerda, continuou: — O sr. Prior! Era d'ele que se falava. E' lá um homem! E' bom de mais para homem. O sr. Prior é um anjo! E que virtude no alevantar da hostia. — Curvou-se, como se visse diante de si o sr. Prior, no altar, levantando a hostia. — E que maneiras tao respeitaveis... no andar, no falar... Um senhor sem exquisitices para o «pequeno»... *Vosselencia* deve ter notado... Toda a gente o diz... até uma senhora devota que por aí anda *tod'ó dia* e que pelos modos entrou nas vias da santidade...

Calou-se. Passou a vista em redor, a investigar. Abeirou-se mais de mim—abeirou-se tanto que me projetou em cheio um halito espesso em que floria o alho, em que a aguardente adejava. Baixou mais a voz, para considerar, agora de fisionomia tempestuosa, de olho coriscante:



— O sr. Prior é bom... confesso. Mas, emfim... se não fôssem cá certas coisas, eu podia ter hoje garantido o pão da velhice. Estou velho, estou estropiado, como o outro diz... Vieram as pensõesinhas. Isto... — resumiu num gesto a igreja e a sacristia — já deu o que tinha a dar. D'antes, sim senhor, dava. Agora... não dá mais uma pedra... E vae então o Gaudencio, pae do Manuel Esteves, que é dos tribunaes da *militança*, diz para os seus botões: ah, eles dão a pensõesinha? Pois aceita-se. Aceitar não é roubar. E o governo, se vamos a vêr, dá-nos aquilo que nos pertence. Arrangei os papeis...

Mascou em sêco. Fixou-me sinistramente. Soudou os cantos da sacristia. Os labios tremaram-lhe—como treme a superficie da agua agitada por um redemoinho. Encrespou as sobrelanceiras, que não esconderam o fuzilar dos olhos, pequeninos, agora imensos. Clamou, num tom profundo, que só o gesto, que só a expressão faziam agressivo:

— Arranjados, procurei o sr. Prior com os papeis, aonde lhe disse que ia requerer. O quê? disse-me ele a mim. E não senhor, e não consinto, e ponho-te na rua, e porque torna, e porque deixa... e não deixou! Não deixou, senhor... meu senhor!—resumiu, colérico, estrangulado, escarlate.—Porque... e porque não deixou? Ainda se fôsse pelo seu motivo de me querer ajudar... Mas ele é o ajudado! Não deixou... lamuriam eles, que a mim não me comem... por causa de Roma. Roma proíbia. E por causa de Roma, que vive farta, o Gaudencio, pae do Manuel Esteves, do tribunal da *militança*, que ganha *mi*... um escudo por mez e... e cincoenta centavos, fica pr'áqui a rebentar de fome! E ainda por cima... para tudo o sr. Gaudencio. E' preciso limpar o altar-mór? O Gaudencio é quem limpa... E' preciso arear as galhetas? O Gaudencio areia. Aparece um *bico d'obra*? Ai veem chamar o Gaudencio... E foi sempre assim, meu senhor. Foi sempre assim... Sempre desgraçado...

Colheu a irritação da voz, que de subito transitou para uma melancolia gemente de *esmorzando*, para um ligeiro esvoaçar de soluço e de suspiro:

—Não sei o que isto me parece. O outro filho, tão bonito, mais loirinho do que o incenso, um dia, zás, dá-lhe uma coisa na cabeça e cáe como um tordo. Era um garoto... era um estroina... Ora... um estroina! Rapazes... fazia como os mais! Nem ninguem o viu andar por aí á *ganidaia*. Depois... a mulher. Amigo d'ela... nem *vossetencia* põe na sua ídeia... Dava-lhe a luz dos olhos, se m'a pedisse... Era todo p'ra ela e p'rá filha... também tinha uma filha, branquinha que nem a toalha do altar... E vae a mulher, pica-lhe a cevada no estomago... e entra-me a faze das suas... Eu andava doente... com o bicho no corpo... até tomava fumo de solas de sapatos pelo nariz pr'ó bicho sair... Mas quando o soube...

O sr. Gaudencio tornou-se outra vez escarlate, outra vez lhe palpitaram os labios, lhe endureceu a voz, bramando:

—Quando o soube... foi como uma nuvem, que me toldou a vista. Nem senti mais bicho, nem dôres, nem nada! Ah, sim? Tu queres-me pôr a *pastor de caracoes*? Pois espera... e por aquí me sirvo, até hoje, nunca mais me viu as meninas d'estes olhos... Fi-

cou-me com a filha... f i o peor. — Limpou á manga da batina uma lagrima, que, apenas aflorou entre as palpebras, logo se desprende, e rolou, lentamente, no pergaminho amarrotado da sua face. E energico, hostil, justiceiro:—Agora... o sr. Prior! Porque? Por causa de Roma! Boa Roma! Não lhe dessem as esmolos que d'antes eram dos santos!... E o mais... e os dinheiros das beatas, e de certas damas amigas...—Perscrutou a sacristia, ressalvou:—Lá das damas amigas... dizem... que não sou eu quem o espalha... Quanto a dinheiros... cala-te bôca... E não era assim, meu senhor, que se tratava um velho. Um velho que trabalha! O Gaudencio é para tudo!

Encolerisou-se, rugiu:

—Corja! Eles a estoirar, de fartos... Mulheres, boa cama, boa mesa. O «pequeno»... a moirejar, a suar, e nem umas sopas p'lo amor de Deus! Corja, meu senhor!

De subito, porém, rangeram passos no corredor—um corredor que liga a rua com a sacristia. O sr. Gaudencio emudeceu, enviésou o olhar, voltou-se, á espera. E já um sorriso, a aromatica flôr de um sorriso, abria e ressendia na sua bôca, quando assomou á porta um vulto estranho, que se curvou, que inquiriu, respeitoso:

—O sr. Prior... está?

—Não está! Ora a massada!—respondeu, agastado. E de novo para mim, o olhar em relampagos, a voz em trovão:—Uma corja, meu senhor!

Levantei-me. O cheiro da cêra e a espesura do seu halito, soprado com violencia, estonteciam-me. Atravessei a sacristia. Caminhei pelo corredor, até á porta da rua, onde aspirei o ar livre, onde aguardei o sr. Prior.

Demorava-se. Decidi deixar recado—satisfazer, em parte, a curiosidade do sr. Gaudencio. Não o vi na sacristia. Aproximei-me da porta que comunica com a capela-mór. Lá estava. Mas não pude falar-lhe. Po que, de joelhos, os olhos em extase, as mãos erguidas, a voz carinhosa, o sorriso beatifico—ajudava o sr. Coadjutor no santo sacrificio da missa...

SOUSA COSTA.



O NATAL DO "SECULO"

Os filhos dos que trabalham no *Seculo* tiveram também este ano no dia de Natal o acolhimento carinhoso que todos os anos o ilustre sub-diretor do *Seculo*, sr. José Silva Graça e sua esposa lhes dispensam com uma generosidade e distinção inexcitáveis. Uma grande arvore com brinquedos varia dissimos, bandeijas com deliciosos doces, tudo distribuído ás creanças pela mão patricia de madame Silva Graça, tornou-as todas tão alegres, tão felizes! Os proprios paes e outras pessoas de familia com quem elas fo-

ram sentiam-se profundamente impressionados, tocando as suas taças de *champagne* em saudações efusivas aos donos da casa.

Este ano a festa foi abrihantada pelo aplaudido quinteto do Ginasio e com engraçados recitativos dos distintos artistas do mesmo teatro Maria Matos, Celeste Leitão e Alegirim, lendo o nosso colega do *Seculo*, sr. Oldemiro Cesar, um interessante monologo de «Esculapio», intitulado o «Perú do Natal».



No hall do palacete do sr. Silva Graça. — Em pé: O quinteto da orchestra do Ginasio e o sr. Oldemiro Cesar. Sentados, da esquerda para a direita: atriz Maria Matos, ator Silvestre Alegirim, a filhinha da atriz Maria Matos e a atriz Celeste Leitão



As creanças no jardim, depois de receberem os brinquedos oferecidos pelo sr. José Graça e sua esposa (Clichés Benoiel)

Para as vitimas da guerra

No Club Inglez, á Rocha do Conde d'Obidos, realisou-se uma festa em favor da Cruz Vermelha Internacional, organizada sob o patronato dos srs. ministros da Belgica, Russia, França, Inglaterra e Italia. As salas do club estavam brilhantemente decoradas, sobresaindo n'elas motivos militares, estando as

paredes forradas com bandeiras e riquissimos panos de seda.

Para que a receita fosse o maior possivel, pois se destinava a engrossar as quantias enviadas para os feridos da grande guerra, tudo ali se pagava, desde a entrada até aos em-



1. Miss Daisy Marsden, mistress Stilvell e D. Helena Croft de Moura—2. A' saída da festa — 3. O menino Sebastião Perestrelo de Vasconcelos—4. D. Izabel de Roure, miss Hacker, mademoiselle Ferreira Borges, mistress Stilwell, miss Violet Hacker, miss Rangel, mistress Zucner, miss Arnaud, mademoiselle Rombert e miss Mascarenhas



1. D. Maria Eugénia Ferreira Pinto Basto, D. Maria de Lourdes Ferreira Pinto Moreira de Sá, D. Maria Genoveva Cirilo Machado, D. Maria Sofia Cirilo Machado, D. Rita Ferrão de Mascarenhas, D. Branca Ferreira Pinto Basto e Viscondessa de Santo Tirso—2 Um grupo de gentis senhoras.

brulhos dos objetos adquiridos nas varias secções da «kermesse», que os tinha e de valor. A concorrência foi deveras extraordinária e seleta, vendo-se entre ela os membros das primeiras famílias da nossa sociedade, prestando muitas gen-



Mademoiselle Jeanne Possoz, mademoiselle Alice Terra Viana, mademoiselle Mily Possoz, D. Feliciano Croft de Moura e D. Ida Sleigh



1. Um aspeto das creanças no club

2. A alegria no club



3



4



5



6



2



7

3. A' saída da festa—4. Miss Helena Croft de Moura — 5. Miss Graça de Roure—6. Miss Inez Lithgow—7. Miss Daisy Marsden

tilíssimas damas portuguesas o seu concurso na venda de sortes e na distribuição dos premios que eram reclamados. Compareceram todos os ministros e ministras das nações aliadas e alguns de paizes neutros, entre os quaes a sr.^a marquesa de Vilasinda, ministra de Hespanha. A festa, que tendo começado ás 15 horas se interrompeu ás 18 pararecomeçar ás 20, prolongou-se até á meia noite, reinando sempre a mesma intensa alegria, traduzida na disputa de varias prendas que todos queriam possuir, não pelo seu valor proprio, mas para assim concorrerem com o seu dinheiro para um fim tão nobre e tão grandioso, como é o de amenisar a vida d'aqueles que, defendendo as suas patrias e a civilização, foram feridos nos campos de batalha pelos seus encarniçados inimigos.



8

D. Maria Eugenia Pinheiro Ferreira Pinto, D. Maria de Lourdes Ferreira Pinto Moreira de Sá, D. Maria Genoveva Ferreira Pinto Machado (Santo Tirso), D. Maria Sofia Ferreira Pinto Machado (Santo Tirso)

(Clichés Benoliel).

Aspetos populares d'outros tempos



Um dos tres Reis Magos

Ha por esse paiz fóra, um sem numero de velhas uzanças e amovaveis costumes, quasi todos cercados d'um tão pitoresco e bizarro sabor de ingenuidade e ternura, que os tornam extremamente interessantes e deliciosamente agradaveis.

Alguns d'eles tendem a extinguir-se, desaparecendo sob a ação reformatadora dos tempos modernos, pelo ceticismo das classes cultas, pelo espirito de descrença que invade as multidões e pelo indiferentismo condenavel que avassala todos os individuos. A tradição apaga-se por completo, subvertida pela decadencia atrofiadora da raça, pela ausencia de sentimento artistico e emoção estetica de quasi todos nós.

A falta de gosto e amor pelo belo é, talvez, a característica mais notavel das novas camadas sociaes. Triste é dizel-o. No emtanto, a sinceridade do afeto popular pelo culto do passado, era ainda não ha muito tempo, extremamente arraigado entre nós, razão porque a voz enternecedora da saudade evoca sempre em mim reminiscencias agradaveis d'esse passado cheio

de poesia e encanto. Rememoral-o com carinhoso afeto, registando-o para sempre, é, a meu vêr, uma missão imperiosa e fecunda da imprensa, animando o texto com a documentação grafica, que o torna mais atraente e elucidativo.

Entre nós, os estudos monograficos das localidades são em pequeno numero, o que é pena, porque eles nos dariam subsidios ignorados muito valiosos ácerca de tanta coisa original e bela que ha na vida dos povos das diferentes regiões do paiz.

Já em tempo Oliveira Martins escreveu que «um corpo de monografias d'estas, formariam um tesouro de inestimavel valor para o estudioso, ao mesmo tempo que serviria para arraigar nas localidades o amor da terra, fixar e esclarecer as tradições».

Infelizmente estas judiciosas palavras não encontraram, nem terão, eco no espirito d'aqueles que, para a sua realização, poderiam contribuir eficazmente. A falta de trabalhos d'este genero, elaborados parcialmente nas diferentes regiões teria, quiçá, estorvado a factura de uma obra de largo fole-



2. Um pastor—3. Grupo de pastoras

go sobre a etnografia do paiz, que seria rica de informações ineditas muito curiosas. A registar com louvor ha o recente trabalho de Candido Landolt, que no seu «Folk-Lore Varzino» nos descreve, com mão de mestre, variados e flagrantes aspetos d'essa linda terra que é a Povoia do Varzim.

Ora tudo isto vem a proposito, ou desproposito, do modo como ainda ha poucos anos aqui em Ilhavo se comemorava a festa da Epifania, muito especialmente o dia de «Reis», exhibindo-se nas ruas um pitoresco e meio pagão cortejo, que punha a vila em al-

absoluta disparidade entre si, sendo, no entanto, sempre d'uma bizarra e policromica extravagancia, buscando cada um dos figurantes tornar-se notado, muito especialmente as raparigas, pela garridice e riqueza dos seus fatos.

Eram elas, quasi sempre, as mais lindas e tentadoras moças d'este Ilhavo amado—que as possue gentis e ladinas como em parte alguma—rivalisando, a capricho, na maneira distinta e galante de se apresentarem.

E a verdade é que, d'esta emulação, filha d'um egoismo e vaidade muito acentuados resultava a apresentação d'um grupo deliciosamente encantador de «pastoras» que, sobraçando os seus cestos e alcofas ajoujadas de prendas para ofertar ao «menino Jesus», esmaltavam e davam realce ao cortejo, animando-o com a toada do lente e sonhadora das lóas e hinos, tão impregnados d'uma deliciosa suavidade, que iam entoando, com viva emoção, ao som das frautas dos pastores e da harpa do rei David:

Lá vae o astro divino
Que sempre nos tem guiado;
Sigamos o seu destino,
Que o Rei dos Reis é chegado.

Cumpriram-se as profecias,
Já não ha que duvidar;
Tres Reis Magos, do Oriente,
Vieram p'ra o adorar!

Em estridente côro unisono a grande massa dos figurantes respondia então com o ritornello:

Avante pastores,
Sigamos com fé,
A adorar o menino
Que nosso Rei é!

E por entre os rumores alacres de uma multidão despreocupada e feliz, que alvoroçadamente se acotovela e comprime, o cortejo desfilava a custo pelas ruas da vila, que n'esse dia tinham um ar vivificante de festa e alegria, dirigindo-se ao «Presepio»; guiado pela estrela refulgente que abre o sequito e sob a egide dos tres «Reis Magos», que impavidamente o fechavam, imprimindo-lhe respeito e caracter, com os seus fantasticos turbantes de europeis e os seus longos mantos constelados de lentejoulas...

.....

Como eu vivo pela imaginação saudosa esses aspetos adoraveis d'um passado cheio de enlevo e poesia que—ai de mim!—não voltará jámais!...

Diniz Gomes



1. Uma pastora—2. O rei David—3. Um pastor—4. Outra pastora

vorozo e festa. Muitas semanas antes d'aquella assinalado dia, já na terra e arredores se procedia á confecção dos trajos e procura das peças de indumentaria e ourivesaria antiquadas que as personagens deveriam ostentar no imponente cortejo, porque o era, pela qualidade e quantidade de figurantes que n'ele se incorporavam.

Os trajos e adornos exibidos não eram uniformes, nem obedeciam aos rigores de qualquer epoca ou estilo, bem ao contrario manifestavam uma



Ô VELHO MUNDO EM GUERRA

E' ainda a questão balkanica que absorve as atenções do mundo inteiro. Chega-se a ter a impressão de que a espantosa luta que vem travada ha perto de ano e meio vae ter ali o seu desfecho.

As tropas bulgaras, arrogantes pelos seus triunfos na Servia e cobertas pelas forças austro-alemas continuam a preparar-se para invadir a Grecia, tendo já completamente destruido a linha ferrea de Monastir á fronteira d'este paiz. Mas, ao mesmo tempo, na hipotese de um insuccesso, estão abrindo trincheiras nas proximidades da raia grega, d'onde é realmente de crer que eles sejam repellidos tendo de se refugiar por detraz das suas fortificações improvisadas.

A esta ameaça de invasão respondem dignamente os aliados que se encontram no territorio da Grecia, sempre em boa «entente», ao que parece, com o governo d'esse paiz. Salonica deve estar a estas horas solidamente fortificada e occupada pelas forças inglezas e francezas, tendo sido previamente evacuada pelo exercito grego. Os inglezes tambem vão fortificar as aldeias

de Ayvat e de Baldjo, para o que pediram ao governo helenico a respectiva autorisação; e os francezes occuparam duas estações para além de Karassoul, miando todas as pontes da linha ferrea. Além d'isso os inglezes continuam a fazer circular por vias ferreas

abundante material de guerra desembarcado em Salonica, ao passo que os bulgaros, segundo confirmam os aviadores francezes em serviço de vigilancia, estão lutando com enorme falta de material de toda a especie.

Em todo o caso, a situação não deixa de oferecer um aspeto grave para os aliados, com os quaes assim como com os gregos já houve alguns recontros dos invasores, tendo o governo grego proclamado o estado de sitio em Argorocastro e receando-se uma grande agitação musulmana fomentada pelos alemães que vêem n'ela um dos elementos mais propicios ao seu fim.

A Turquia tambem já tem concentradas duas divisões, ou sejam

30:000 homens, nas visinhanças da fronteira grega, o que deixa prever um embate medonho contra ela.



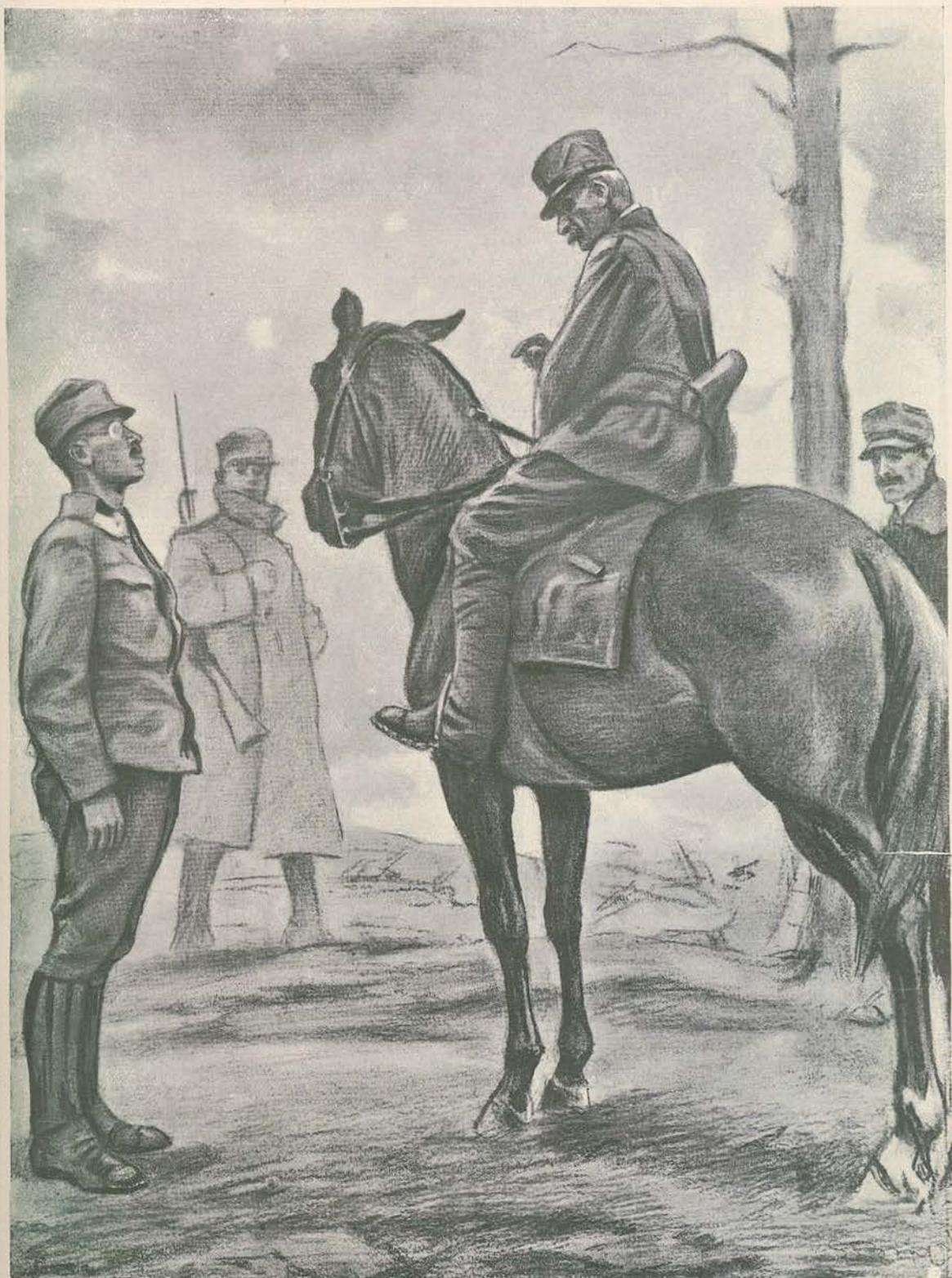
Um moderno guerreiro que parece um familiar da Inquisição



Na Macedonia servia:—Um regimento francez com a bandeira desfilando na aldeia de Negotin.



Soldados bulgaros feitos prisioneiros pelos aliados nos arredores da cidade bulgara Strouwistza



Interrogatorio de um prisioneiro

Um general italiano interroga um capitão de um regimento austriaco feito prisioneiro, mas este conserva-se na maior reserva.

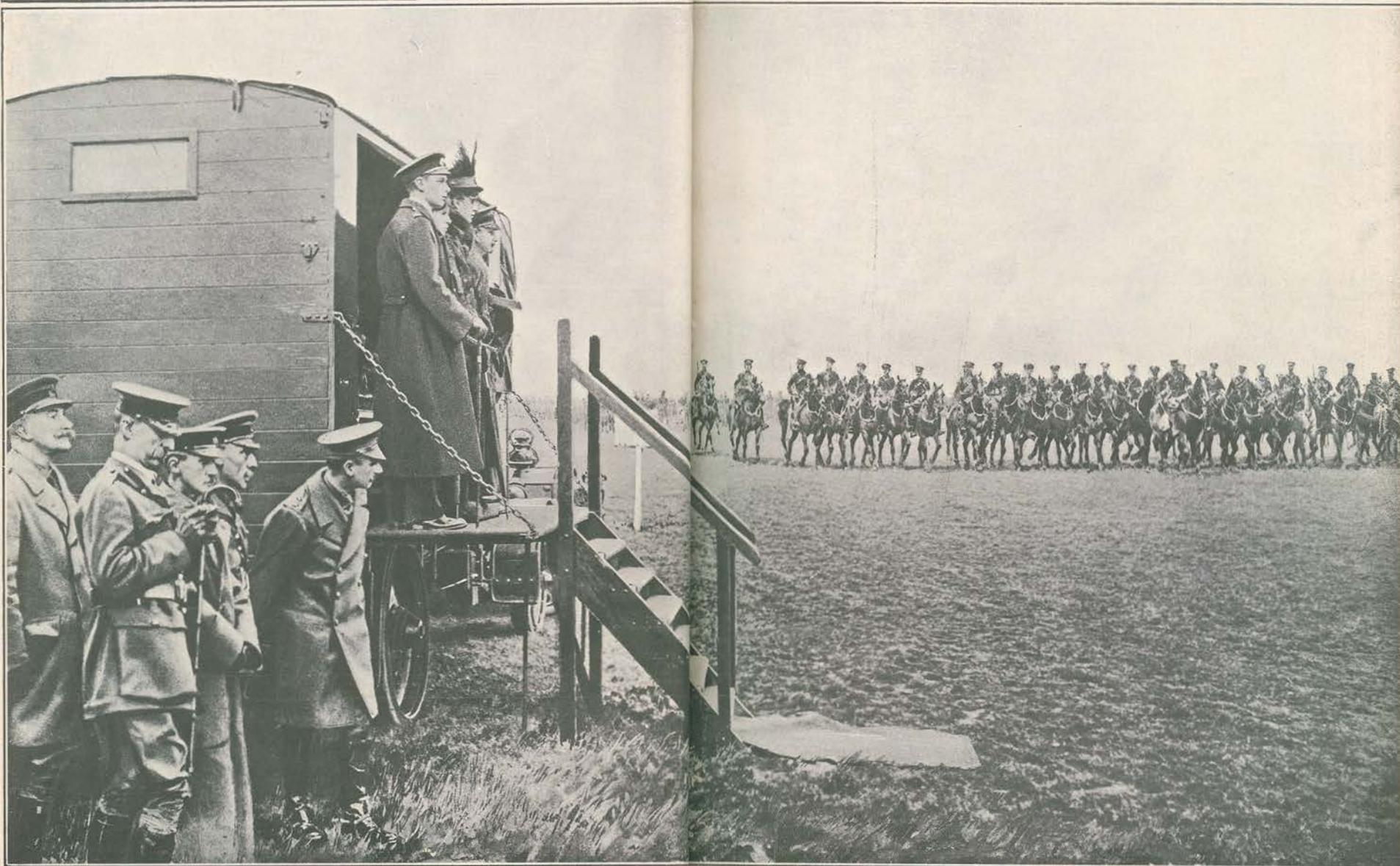
(Desenho de Bompard sobre um instantaneo).



1. *Em Paris*: — Um hospital nos Grandes Armazens do Louvre
2. *No Somme*: — Os soldados uepois de lhes ser passada revista, saudando a bandeira de um regimento

(Clichés da secção fotografica do exercito francez, cedidos á *Ilustração portuguesa*).

Inspecionando as tropas que vão partir para a guerra



Na ausência do monarca, a rainha de Inglaterra, acompanhada da princesa Maria e do príncipe Alberto, passa revista às tropas

SOBRE A NEVE



Cossacs em ação

Os cossacos, o terrível corpo de cavalaria russa, continua a sustentar as suas antigas tradições de coragem, temeridade e resistencia.

Com a chegada do inverno, não ha outros corpos de cavalaria que com mais segurança e destreza operem sobre os campos cobertos de neve.



Outro aspecto dos cossacos marchando sobre a neve



Os heróicos sapadores Mauduit e Cadoret

(Cliché da secção fotografica do exercito francez, cedido á Illustração Portuguesa).

Dois sapadores heróicos.—

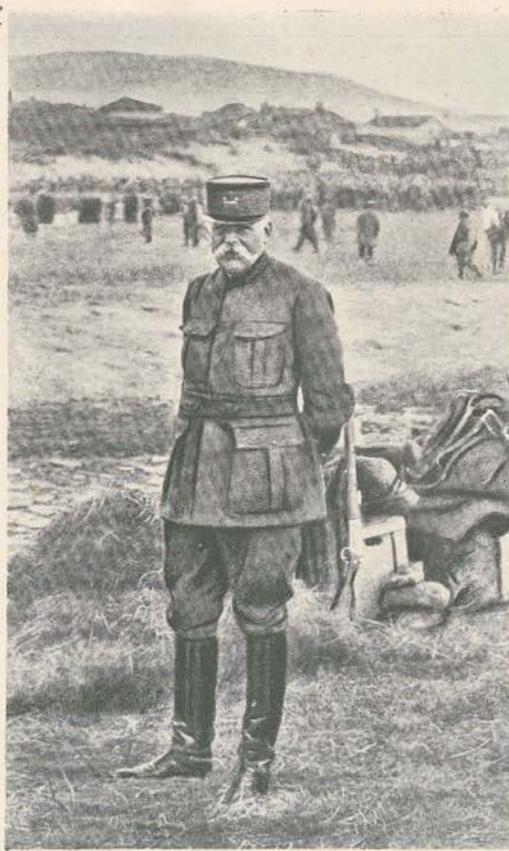
Os sapadores de Artois, Mauduit e Cadoret, ficaram soterrados n'uma galeria devido a uma explosão provocada pelo inimigo. Estiveram ali durante 61 horas, mas sem que o seu animo sucumbisse. Pelo contrario, nunca deixaram de tentar os meios de sair d'aquella especie de tumulo, onde estavam sepultados em vida. Só podiam d'ali sair, abrindo uma nova galeria, mas esta tinha de ir dar ás trincheiras do inimigo.

Apesar de tão certo perigo, meteram mãos á obra, e, concluida ella, por um ato de verdadeira temeridade, conseguiram chegar sãos e salvos ás linhas francezas, onde foram elogiados pelo seu arrojo.

O general Sarrail.—

Não se esquece tão cedo essa admiravel operação militar que foi a retirada das tropas aliadas para Salonica. Durou 11 dias, compriu-se rigorosamente todo o plano do general Sarrail, tão notavel pela rapidez e firmeza dos seus golpes de vista, como pelo seu espirito disciplinador e prestigio na arte da guerra.

Quando começou a retirada, por motivos de pura ordem estategica, os bulgaros, reforçados de contingentes austro-alemães, julgaram-nas em debandada, e perseguiram-nas. Mas, por varias vezes e graças á sua manobra habilissima, viram-se rapidamente envolvidos deixando o campo juncado de mortos e de feridos e perdendo muitos prisioneiros.



O general Sarrail, comandante em chefe das tropas aliadas em Salonica



Uma missa no dia de finados nas trincheiras

(Da *Illustration Française*).

O recrutamento em Inglaterra. — Apesar do patriotismo e nobreza de caracter do povo inglez, nunca ninguem supôz que, sem uma lei de recrutamento obrigatorio, a Inglaterra conseguisse alistar soldados que chegassem para as necessidades sempre crescentes da actual guerra.

Verdadeiro engano! Bastou saber falar ao coração e ao amor patrio da mocidade ingleza, como soube lord Derby, para que toda ella, sem a menor hesitação, viesse fazer-se inscrever nas fileiras do exercito. Interessante, originalissima e poderosa campanha essa!

A principio o patriotico apelo do lord logartenente da Irlanda não desperitou maior calor nos espiritos; foi recebido até com uma tranquillidade pouco prometedora. Depois, n'um só dia o total dos alistamentos subiu de 74:000 a 336:000! E a progressão foi crescendo de tal forma que na ultima semana inscreveram-se 1.539:000 homens, tendo lord Derby a grande satisfação



1. Em Londres: — O alistamento de voluntarios é feito com grande entusiasmo entre varias classes. — (Cluché Branger). — 2. Um campo de batalha. — 3. Na Flandres. — Uma peça de artilharia encravada n'um monte dos arredores da La Bassée. — (Cluché Branger).

e o legitimo orgulho de, durante as 9 semanas da sua benemerita propaganda, ver alistados dois milhões e meio de homens!

Agasalhos para os combatentes italianos



Armazem de peles na Avenida Silvio Pelico



Aspeto de uma secção de peles para o exercito



Deposito de peles para os que estão na frente da batalha

Constantinopla

Em 1453 os turcos conquistaram Constantinopla. De visita a Santa Sofia, Lamartine evocou assim outr'ora esse feito de guerra:

«Mahomet II respondia aos embaixadores gregos:

«— Nada empreendo contra vós; o imperio de Constantinopla é limitado pelas suas muralhas.

«Mas a propria Constantinopla, assim limitada, impede o sultão de dormir; ele manda acordar o seu vizir e diz-lhe:

«— Peço-te Constantinopla; não posso conciliar o sono sobre esta travessa. Deus quer dar-me os romanos.

«Na sua impaciencia brutal ele lança o seu cavalo



Constantino XIII Paleologo, o ultimo imperador grego de Constantinopla (1453)

Deus do Imperio e comungar com as lagrimas nos olhos; a romper da aurora saía a cavalo, acompanhado pelos gritos e pelos gemidos de sua familia e ia morrer em heroe sobre a brecha da sua capital: era o 29 de maio de 1453.

«Algumas horas mais tarde arrombavam as portas de Santa Sofia; os velhos, as mulheres, as ra-



Mesquita do sultão Validé

nas vagas que ameaçam devorá-lo.

«Durante esse tempo, sob esta cupula sombria de Santa Sofia, o bravo e infelizmente Constantino vinha, na sua ultima noite, implorar o

mais lamentações semelhantes se ouviram nas duas margens da Europa e da Asia; as mulheres separavam-se para sempre dos esposos; as creanças das mães e os turcos escorraçavam por caminhos diferentes esse espolio vivo

Mahomet II, o sultão que tomou Constantinopla em 29 de maio de 1453



de Constantinopla para o interior da Asia. Constantinopla foi saqueada durante oito horas; depois Mahomet II entrou pela porta de S. Romano, rodeado dos seus vizirs, dos seus pachás e da sua guarda. Apoiou-se deante da fachada de Santa Sofia e castigou com o seu yatagan um soldado que quebrava



Palácio Virgiz e mesquita Hamidié



Mulher turca

os altares. Não quiz destruir nada. Transformou a igreja em mesquita e um muezzino subiu pela primeira vez a essa mesma torre onde eu ouço cantar n'este momento, para chamar os musulmanos á oração e glorificar sob uma outra fórma o Deus que na vespera se adorava ali. De lá, Mahomet II dirigiu-se ao palacio deserto dos imperadores gregos e recitou ao entrar estes versos peissas:

«A aranha tece a sua teia no palacio dos imperadores, e a coruja então o seu canto noturno sobre as torres d'Erastah!

«O corpo de Constantino foi encontrado, n'aquela dia, sob pilhas de mortos; alguns janizaros tinham ouvido um grego, magnificamente vestido e lutando com a agonia, gritar:

«— Não haverá ahi um cristão que queira tirar-me a vida?

«Cortaram-lhe a cabeça. Duas aguias bordadas a ouro nos seus borzeguins e as lagrimas d'alguns gregos fieis não permitiram duvidar de que esse soldado tosse o bravo e infeliz Constantino. A sua cabeça foi exposta para que os vencidos não conservassem nem duvida sobre a sua morte nem

esperança de o ver reaparecer; depois foi enterrado com as honras devidas ao trono, ao heroismo e á morte.»

Quatrocentos e sessenta e dois anos depois, um imperador cristão vae ao que se diz por sua vez transpôr as muralhas de Bisancio. Mas não vae como conquistador, nem vingar os seus irmãos em

crença ultrajados outr'ora pelas hordas musulmanas; vae como aliado. E' possivel que como o seu colega Mahomet II, se apeie á porta de Santa Sofia; mas se acaso enxergar um dos seus boches pilhando ou destruindo é provavel que em vez de o castigar com o seu yatagan lhe ponha ao peito a Cruz de ferro...

Hoje, ha tambem como ha quatrocentos e sessenta e dois anos, um soberano grego que se chama Constantino... Mas

será melhor não levar mais além o confronto. Respeitemos os mortos!

Paris, dezembro.



Stambul, Scutari e o Serralho

P. O.



—Vossê indica-me o caminho da frente da batalha?
—Não tem muito que aprender. Vossê vae pela estrada ate encontrar um cavalo morto, depois volta para a direita. Tome cuidado não caia n'alguma das covas abertas pelas granadas.

(The Bystander).



ENEZA

*O vento não enfuna
Teus pavilhões simbólicos,
Nem cantos melancólicos
Resoam na laguna.*

*Nem brilha jovial
Em teu semblante angélico
O rir pantagruélico
Do gordo Carnaval.*

*Cobre-te o corpo a túnica
Do teu santo adorador,
Morres, cumprindo o fado,
Beleza augusta e única!*

*Algum eco simpático
Repete ainda os teus ais,
E, pedra a pedra, caes
No fundo do Adriático...*

ALBERTO TELES.

FIGURAS E FACTOS



Dr. Luiz Lazaro Zamenhof.
—No dia 15 de dezembro ultimo passou o aniversario natalicio do sr. dr. Luiz Lazaro Zamenhof, natural de Bioloctok, inventor da rica, simples e bela lingua internacional «esperanto», aniversario que foi celebrado em todo o



Dr. Luiz Lazaro Zamenhof

homenagem ao grande sabio, realisando-se no Ateneu Commercial uma brilhantissima sessão solene promovida pela Lisbona Esperantista Societe, a qual esteve muitissimo concorrida, pronunciando-se n'ela discursos que foram uma verdadeira apoteo-



O sr. dr. Sebastião de Carvalho, illustre advogado em Famalicao e antigo colaborador do *Seculo*, autor do primoroso livro *Rosas da minha terra*, ultimamente publicado

O sr. Jaime Ribeiro, bombeiro voluntario lisbonense, ultimamente agraciado com a medalha de merito e filantropia por haver salvo os locatarios de um predio incendiado

mundo. Em Lisboa tambem n'esse dia se prestou se a tão inclito cidadão e prestantissimo sabio.



4. O sr. Alfredo Reis saindo da igreja de S. Sebastião da Pedreira, onde se realisou o seu consorcio com a sr.ª D. Sofia Reis—(Cliché Garcez)—5 Um trecho da exposição dos trabalhos das alunas das escolas primarias do circulo escolar de Leiria, efetuada na Escola Central (sexo feminino) da mesma cidade—6. Grupo de alunos da Escola da Guia (linha de oeste), fundada pelo benemerito sr. Joaquim Ferreira Estrada, que está ao centro da fotografia, tendo á sua direita o professor da mesma escola.

F' uma americana. Nasceu em New York. Quasi toda as grandes bailarinas modernas são americanas ou russas. Esta dançarina do Salló Fox, que os jorjans



ças me dão, atenua-se um pouco — mas apoz sua peço eleito da sua sorriso, em que ha le miltitudde. No resto, dá-me a impressão d'um excelente rapaz, franco, vivo, agradável. Diz-me que percebe o português — e tal-me lo go de raças, de celtas, de godos, de coitas ethnica e de filologia. Depois, o nosso quarto d'hora de conversa cae sobre a dança — e Niphe fala-me da Grecia, do seu gran-de amor pela graça helesica, pelas resurreições classicas. A sua cabeça fillos, os seus olhos claros transfiguram-se. Recordá-a *Soland* que dançou na vespera — e explica a sua interpretação egipcia. Fala de Cleopatra e diz-me como era as suas danças. As attitudes são copias de vasos euscicos, de frisoz antigos, de velhas gravuras. Cada um d'esses pequenos poemas mimicos, ritmados em musico de Oionod ou Greg, representa um effoço colossal de cultura artistica e historio — dezoito annos de academia, de bibliotecas e de escolas. E, ao ouvir-a falar sobre coisas arditas, graves, profundas, sem futilidade e sem pedantismo, uma singular impressão de intelligencia se domina. A bailadeira que to-

ariam saudado em Lisboa, como uma celebridade, se, em vez de bailar no tablado d'um *music-hall*, tivesse surgido no palco do Theatro da Republica ou do Calles, tem o tipo completo da americana. Magra, branca, quasi egypcia. Uma sua gestão, muito perbeante, permite-me o prazer de lhe apertar a mão. Comprimentá-me com solidéz e com graça. Tem vivido largamente na Europa. Fala francez com brilho. Nem sombra de *coquetismo*; tem um perfume, nem uma flor. Vesio, mais do que com simplicidade — com secura. A impressão de insensibilidade que as suas dan-



ndo diante de mim é uma erudita, como Max Allan, como a Ducas, como a Fuller, cuja solidéz de esperto marafitão Ooscorco, surprezenza Zeta.

E, sem querer, escauçando a artista fala, vejo-a, em imaginação, de repente, surgir ante mim, sob a luz de fogo das suas danças. Se-

UMA DANÇA A DESCALÇA

mi-sua, descalça, o seu busto arqueira-se, dobra-se, contorce-se, consumo-se, sa vertigem musical da postcomiona. Passa, como uma ruem, deslizando sobre o veludo que lhe recorta a nudez angulosa e branca; polsa como uma borboleta: rasteja como um inseto; esteva-se como uma chama, palpita e vibra como uma lira. O seu corpo ductil d'acrobata modula a sensação e a emoção; a escultura viva da sua carne tem attitudes de bachante e gestos de prece — toda a gamma da vida passa na dança subtil, na dança luminosa, ardente, na dança do amor e do paual!

E inda com labareda caprichosa da Dança archi-moderna, que diz-se-hia um improviso mimico, é afinal, uma sabia e voluptuosa resurreição de musen. A bailadeira d'hoje vive a ser a sacerdotisa d'outroz. E' necessario ter surpreendido a alma das edades antigas, nos livres e nas selas: crear e encuzar no barro da propria carne a suggestão d'essa alia; enlazar ao musico a arte de exprimir, na attitude, a dor e a hebra; transformar o proprio corpe d'um instrumento

Da andaluzza que sapateia libidinosamente os seus can-can-zas de café-concerto, açulando castanholas e desrejes, de mastica e rendas, como uma rubra flor de



Perado, até á soberbia Ducas, dançando, quasi nuas, em tombo da sepultura dos fillos-queridos — que prodigioso abismo de arte, de sentimento e de poder! A Dileza purifica tudo aquilo em que toca: torna sagrado e innocente o vicio e o mal. E comprehendi isso maravilhosamente, despedindo-me com um aperto de mão, da dançarina do Salló Fox. Aquella mulher que todas as noites se despe deante de centenas de homens, tem, na severidade da sua expressão e do seu espirito, o que quer que é de casto. E', na realidade, o nosso pensamento que corrompe a Vida — e onde a chama da arte passa, nullo, alma ou estatoa — existe a candura inortal da Beleza.

A. de C.



crecio, vibrante, harmonioso, de suggestões e ritmo, tornar a propria nudez musica e palavra, gesto e cor, amoção e vôo. F'is a obra da dançarina d'hoje, da bailadeira d'amanhã, semelhante ás bailadeiras que entstavam a Hebra e espalhavam, em gestos perfectos, a Harmonia na Hellade divina e no sagrado Egypto,

Visita de estudo ás instalações do SECULO



Um grupo de alunos tendo á sua esquerda o sr. Tomaz da Fonseca, e á sua direita a sr.^a D. Albertina Costa

Os alunos de ambos os sexos do 3.^o ano da Escola Normal de Lisboa, acompanhados do seu ilustre diretor sr. Tomaz da Fonseca e dos distintos professores sr.^{as} D. Albertina Costa, D. Maria Gonçalves e o sr. Pedro José Ferreira, visitaram todo o edificio do *Seculo* os seus ateliers, oficinas, casas de ma-

quinas, etc., declarando que era essa uma das mais belas e proveitosas visitas de estudo que teem feito. Levaram todos as melhores impressões como as deixaram tambem pela forma disinta e correta por que se apresentaram. A Escola Normal é sem duvida hoje um excelente estabelecimento de ensino.



Outro grupo de alunos com a sr.^a D. Maria Gonçalves, sentada, e o sr. Pedro José Ferreira.—(Cliché's Benoliel).

A CIDADE ANTIGA DE PORTALEGRE

Esta reconstrução das suas velhas fortificações, que datam do reinado de D Diniz, baseia-se nos documentos materiais ainda existentes, na tradição e nos preceitos da arquitetura militar da época aplicados ao terreno.

As torres da cerca exterior eram de tipo uniforme: secção quadrada, com sete a nove metros de lado, maciças até ao nível do *caminho de ronda*, com o qual com uma porta estreita, a partir da qual uma escada da mesma largura dava acesso ao *ei-rado* ou terraço.

Eram destinadas á consolidação das *cortinas* e ao *flanqueamento*, impedindo que os sitiantees, aproximando-se ao abrigo dos *manteletes* e armando o *gato* ou protegidos pelo tiro dos bésteiros, praticassem nos alcerces trabalhos de *mina*, quando a muralha não assentava sobre rocha.

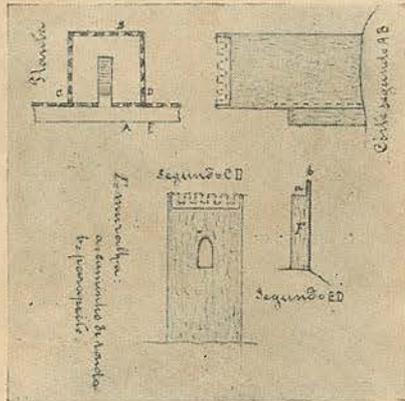
A distancia entre as torres era, pois, determinada pelo alcance eficaz do tiro dos bésteiros (cento e cinquenta pés) e das *manganélas* armadas nos ei-rados, as quaes lançavam pedras e panelas de *fogo grego*, havendo *manganélas* que arremessavam projeteis de 100 kilos a noventa e seis metros de distancia.

Tambem exis-

1. Castelo — 2. Torre de menagem — 3. Porta de Alegrete — 4. Porta do Postigo — 5. Porta da Deveza — 6. Porta do Bispo — 7. Porta de Evora ou Porta Falsa — 8. Porta de Elvas — 9. Porta do Pecegueiro ou S. Francisco — 10. Rua dos Bésteiros — 11. Rua da Sé — 12. Sé — 13. Praça do conelho — 14. Seminario — 15. S. Martinho — 16. Rua do Cadafaz — 17. Rua de S. Martinho — 18. Rua da Maceira — 19. Rua do Pirão — 20. Rua do Poço — 21. Travessa de S. Tiago — 22. S. Tiago — 23. Rua de S. Tiago — 24. Rua do Chantre — 25. Rua do Loureiro — 26. Travessa da rua do Pirão — 27. Rua da Cadeia — 28. Rua da Figueira — 29. Travessa da rua da Sé — 30. Largo de S. Vicente — 31. Largo do Paço — 32. Rua do



Ruínas do castelo



ta da Deveza, que, é de crêr, se chamaria tambem do Espirito Santo, visto dar saída directa para o local as-

tem ruínas de fortificações mais modernas, da época do abaluartado, que vão carcadas a traço interrompido.

Talvez durante a guerra da Restauração, ou na iminencia do cerco de junho

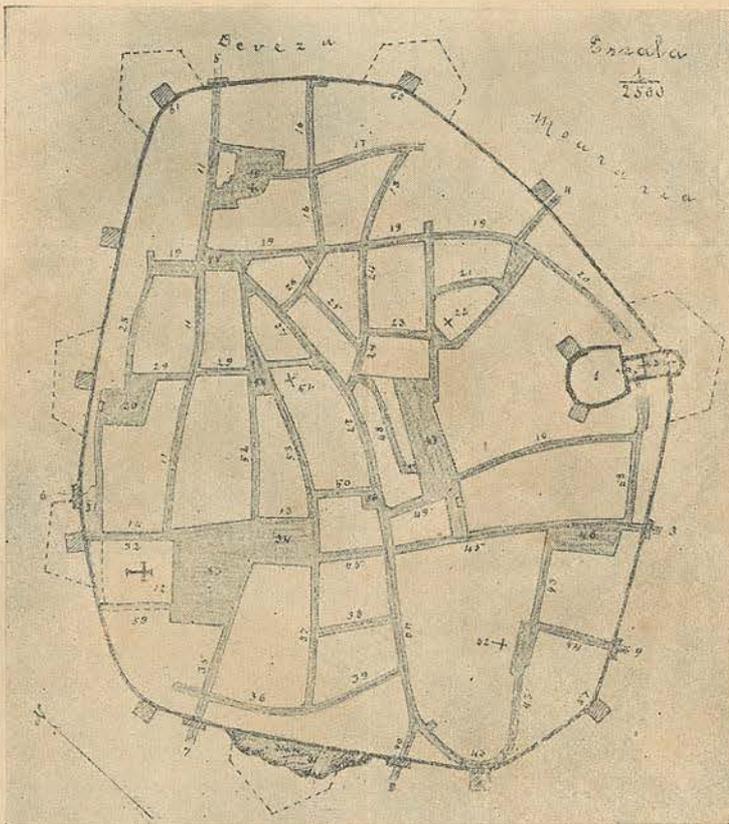
de 1704, motivado pela contenda dos pretendentes ao trono espanhol,—foram construídos, para cobrir os salientes e bater pontos fracos, baluartes que pouco a pouco tem desaparecido, como, talvez, prováveis revelins que cobririam as portas.

Ha referencias a uma porta chamada do Espirito Santo, por consequencia dando saída para nordeste da cidade.

Percorrendo todo o espaço compreendido entre as torres d'aquella frente (60 e 61), hoje occupado por quintaes, e merecendome particular atençaõ o termo da rua do Cadafaz, reconheci com inteira segurança que nenhuma soluçõ de continuidade existia na respectiva cortina, além da porta

João Batista de Castro (1762-1763) menciona a praça de Portalegre, de fortificação antiga, com doze torres, «capazes d'artilharia.»

F. S. de Lacerda Machado



- Seminario — 33. Largo da Sé — 34. Praça — 35. Rua do Arco — 36. Rua do Lourencinho — 37. Rua Nova — 38. Travessa da Rua Nova — 39. Travessa da Rua de Elvas — 40. Rua de Elvas — 41. Rochedos — 42. Convento de Santa Clara — 43. Rua de Santa Clara — 44. Rua do Lobato — 45. Carreira — 46. Largo de Santo Agostinho — 47. Largo de S. Tiago — 48. Rua da Paciencia — 49. Travessa de S. Bento — 50. Travessa da Rua da Cadeia — 51. Misericordias — 52. Rua dos Acougues — 53. Rua da Misericordia — 54. Largo da Misericordia — 55. Largo do Pocinho — 56. Largo da Cadeia — 57. Torre do Pecegueiro — 58. Rua do Castelo — 59. Traçado provavel da rua do Diabo, absorvida pela construcção da Sé.

EXPOSIÇÃO DE BELAS ARTES



1



2



3



4

1. *Barca de passagem no Vau*, de Roque Gamero. — 2. *No Tejo*—(Ao pôr do sol), de Alves de Sá. — 3. *Ourelo*—(Um pateo), de Rocha Vieira. — 4. *Lavandouro dos Alvogos*—(Loures), de João Mar-

O sr. presidente da Republica inaugurou ha dias a exposição de aguarelas realisada no edificio de Belas Artes,



5



6

ques. — 5. *Cabeça de velho*, de Luiz de Melo. — 6. *Orando*, de Narciso de Moraes. — 7. *Costume de 1820*, de Alfredo de Moraes. 8. *Interior*, de D. Helena Roque Gameiro.

à qual concorreram os nossos primeiros artistas com trabalhos que muito honram os seus nomes já laureados.



7



8